

A DIVULGAÇÃO DA TCHECOSLOVÁQUIA E DOS SEUS ARTIGOS COMERCIAIS NA AMÉRICA LATINA NO PERÍODO ENTRE-GUERRAS (Notas sobre a participação tchecoslovaca nas exposições no Rio de Janeiro, respectivamente nas outras cidades do Cone do Sul, 1918–1938)

por JIŘÍ NOVOTNÝ – JIŘÍ ŠOUŠA
(Banco Nacional de Praga – Universidade Carolina de Praga)

Um fator importante na divulgação dos conhecimentos sobre um estado ou uma nação concreta, sobre as suas tradições políticas, culturais e seu desenvolvimento econômico é a sua propagação no estrangeiro. Esta concepção é válida sobretudo no caso de países distantes, nomeadamente dos territórios além-mar, onde não se estabeleceu o contato quotidiano e onde os cidadãos têm ideias bastante vagas sobre o referido país, que são adquiridas através do ensino regular ou um qualquer item comercial característico importado. As exposições mundiais eram uma das maneiras de divulgação das informações sobre a situação em determinado território, e de estabelecer e fortalecer as relações comerciais no período entre-guerras.¹

A organização de exposições tem uma longa tradição na área da América Latina – já desde a segunda metade do século 19. De todas as exposições mundiais destacamos a exposição na Cidade da Guatemala do ano 1897. A primeira exposição no Rio de Janeiro – embora não mundial – teve lugar já em 1866 (*Exposição das Matérias Primas*), seguida pelas exposições de Santiago de Chile (1868 – *Exposición de Productos de Chile* e 1875 – *Exposición Internacional de Chile*), em Lima (1871 – *Exposición Nacional de Perú*), Bogotá (1872 – *Exposición de los Productos de América Sur*), em Montevidéu (1883), em Caracas (1883 – *Exposición Nacional de Venezuela*) e novamente no Rio de Janeiro (1895 – *Exposição Nacional*).² É óbvio que as exposições mencionadas tinham um nível e importância diferentes. A participação do império Austro-Húngaro e dos países do seu território, incluindo os países tchecos, é uma questão complexa. Podemos presumir que esta participação não era significativa, já que a monarquia danubiana tinha relações mais próximas somente com o Brasil – excluindo a aventura mexicana do imperador (arqueduke) Maximiliano – onde foi estabelecida a legação logo nos anos vinte do século 19.

Depois do surgimento da Tchecoslováquia independente foi necessário tentar intensificar a apresentação do novo país, tendo em conta as mudanças políticas na

¹ Jiří Tomáš Kotalík, “Výstavnictví” (*Exposições*), in: *Česká architektura 1945–1995 (Arquitetura tcheca 1945–1995)*, Praha 1995, pp. 139–145; *Výstavnictví*, Praha 2003, etc.

² Milan Hlavačka – Jaroslav Halada, *Světové výstavy. Od Londýna 1851 po Hannover 2000* (Exposições mundiais. Desde Londres 1851 até Hannover 2000), Praha 2000, pp. 257–265. Antes da Grande Guerra tiveram lugar ainda as exposições seguintes (menos conhecidas, mas de caráter internacional): Quito (1909 – *Exposición Nacional*) e em Buenos Aires (1910 – *Exposición Internacional de Agricultura*).

Europa central e sobretudo baseando-se no fato de que a Tchecoslováquia era economicamente dependente das exportações. Na altura, o mercado sul-americano era concebido como o único «mercado mundial livre»,³ no qual o estado do coração da Europa podia e deveria realizar-se. Por esta razão foi dada uma prioridade absoluta às atividades comerciais. Chamar a atenção aos artigos tchecos (tchecoslovacos) era bastante urgente dado que os artigos tinham sido exportados através dos portos de Hamburgo, Bremen ou Trieste antes da 1ª guerra mundial e eram vendidos através das companhias comerciais de Viena, Hamburgo, eventualmente de Paris e este fato criou uma convicção de que se tratava de produtos alemães, austríacos etc.

No congresso de paz em Paris já se podiam registar contatos esporádicos com os delegados de alguns países sul-americanos que eram fortalecidos depois na Organização das Nações. As declarações gerais sobre as ideais mútuas de liberdade, democracia e paz não puderam substituir a cooperação na área econômica que era, segundo o historiador e diplomata tchecoslovaco virado ao mundo românico (sobretudo ao continente sul-americano) Vlastimil Kybal «...baseada na ignorância total e na improvisação, adiamento das coisas e em fazer nada».⁴ O próprio Kybal tentou estimular os empresários tchecoslovacos e as autoridades estatais a uma atividade maior e ao estabelecimento de laços diretos, cujo objetivo era criação de uma política comercial racional e efetiva da Tchecoslováquia na América do Sul, que se podia comparar à política dos outros países europeus, nomeadamente com a da Alemanha.⁵

A participação na exposição no Rio de Janeiro nos anos 1922/1923 foi um ato da propagação da Tchecoslováquia na América do Sul, com a perspectiva de desenvolver os laços adquiridos no futuro. Este tipo de exposição teve lugar pela primeira vez no subcontinente sul-americano na ocasião dos cem anos da independência do Brasil. A participação da Tchecoslováquia era realizada pelas autoridades estatais e serviço diplomático. Já em agosto e setembro de 1920, encontramos os primeiros impulsos no aviso da legação tchecoslovaca no Rio de Janeiro⁶ e também nas comunicações entre o Ministério de Relações Exteriores

³ Ivo Barteček, “Československo a Latinská Amerika 1918–1938. Možnosti a meze spolupráce” (Tchecoslováquia e América Latina 1918–1938. Possibilidades e limites da cooperação), in: *Československo 1918–1938. Osudy demokracie ve střední Evropě. Sborník mezinárodní vědecké konference* (Tchecoslováquia 1918–1938. Destinos da democracia na Europa Central. Acta do congresso científico internacional), 1, Praha 1999, p. 348. Cf. Vlastimil Kybal, *Jižní Amerika a Československo. S přehledem obchodní, finanční a emigrační činnosti jiných národů* (América do Sul e Tchecoslováquia. Com resumo das atividades comerciais, financeiras e de emigração de outras nações), Praha 1928.

⁴ Vlastimil Kybal, op. cit., p. 11.

⁵ Ivo Barteček, op. cit., p. 349.

⁶ Národní archiv (Arquivo Nacional) Praha (doravante NA Praha), fundo Prezidium ministerské rady (Presidência do conselho dos ministros- doravante PMR), Výstava v Rio de Janeiro (Exposição no Rio de Janeiro), 835/13 (kart. 3564), Legação no Rio de Janeiro ao Ministério de Relações Exteriores de 12/8/1920, Ministério de Relações Exteriores ao Presídium do conselho dos ministros de 25/9 e 11/11/1920, Presídium do conselho dos ministros nº. de referência 28 441/1920 e 33 953/1920. Legação da República tchecoslovaca no Rio de Janeiro fez no seu relatório de agosto uma referência às palavras do ministro-plenipotenciário sueco que disse durante um jantar na missão tchecoslovaca que tinha enviado uma proposta ao seu governo que participasse nas comemorações do centenário da independência do Brasil através de uma missão especial onde seriam representados comércio, indústria, ciência, arte e política.

da República tchecoslovaca e seu conselho de ministros (governo). Ao mesmo tempo, outras entidades estatais centrais entraram nas negociações, como ministérios do comércio, finanças, Agência para o comércio externo.⁷ A primeira proposta de participação da Tchecoslováquia na exposição no Rio de Janeiro foi feita pela legação tchecoslovaca no Brasil, que recomendou o envio de uma legação especial composta por um político de circuitos parlamentares, um economista e um «perito acadêmico». O grau da participação na exposição deveria ser definido consoante os interesses dos expositores. A parte oficial (estatal) deveria apresentar a República tchecoslovaca em si, bem como a arte moderna tchecoslovaca. A legação propôs que a construção do pavilhão fosse confiada a um dos compatriotas tchecoslovacos instalados no Brasil. O projeto original foi construir o pavilhão de madeira fina brasileira e transportá-lo para Praga depois da exposição. A mostra de música tcheca também fazia parte da participação.⁸

O Ministério de Relações Exteriores abordou o tema da participação da Tchecoslováquia também com o cônsul brasileiro em Praga Octávio Paraná, e recomendou juntar à exposição também gráficos e estatísticas que provassem a maturidade da indústria e agricultura tchecoslovacas, máquinas de agricultura, e apresentar ao público brasileiro as cidades e termas na Tchecoslováquia através de fotografias etc.⁹ O Presídio do conselho dos ministros da República tchecoslovaca tinha a intenção de conferir a preparação do assunto ao Ministério de Relações Exteriores. Este provavelmente resistia em aceitar tal tarefa, sendo assim a realização concreta atribuída à Agência para o comércio exterior, que existia temporariamente (entre 1920–1922). Esta entidade elaborou um projeto complexo da participação tchecoslovaca que deveria, tirando o fator da introdução do novo estado da Europa central, acentuar a sua maturidade industrial e possibilidades de exportação.¹⁰ Na base disto o governo tchecoslovaco aprovou a 15 de julho de 1921 a «participação nesta feira de caráter internacional». A coordenação do projeto foi efetuada pela Agência para o comércio exterior (depois da sua extinção pelo Ministério do Comércio), e na preparação do evento deviam participar os Ministérios de Relações Exteriores, Agricultura, Educação e Cultura Nacional, Saúde Pública, Ferrovias, Correios e Telégrafos, Defesa Nacional e Finanças.¹¹

⁷ NA Praha, PMR, *Výstava v Rio de Janeiro* (Exposição no Rio de Janeiro), 835/13 (kart. 3564), Ministério de Relações Exteriores ao Presídio do conselho dos ministros a 18/1/1921, Presídio do conselho dos ministros n.º de referência 2 574/1921 e 3799/1921; fundo Ministério da Educação e Cultura Nacional (doravante MŠO), 1918–1938, n.º de inventário 1692 (kart. 2936), 22 II Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura Nacional a 13/7/1921.

⁸ NA Praha, PMR, *Exposição no Rio de Janeiro*, 835/13 (kart. 3564), *Legação no Rio de Janeiro ao Ministério de Relações Exteriores* a 26/4/1921.

⁹ *Ibidem*, Ministério de Relações Exteriores ao Presídio do conselho dos ministros a 9/6/1921. É bem característico que o cônsul brasileiro recomendou que Tchecoslováquia «não receasse as despesas» por que se trata de uma oportunidade na qual não só o Brasil mas também o resto da América Latina poderia conhecer o alto nível da economia tchecoslovaca.

¹⁰ NA Praha, PMR, *Exposição no Rio de Janeiro*, 835/13 (kart. 3564), Agência para o comércio exterior ao Presídio do conselho dos ministros a 21/6/1921, Cf. Presídio do conselho dos ministros n.º ref. 19 431/1921.

¹¹ NA Praha, PMR, *Segundas vias de protocolos das reuniões do governo da Tchecoslováquia 1921* (kart. 4369), Protocolo do Conselho dos ministros da República tchecoslovaca de 15/7/1921.

O empenho fundamental seria orientar-se para a apresentação do sucesso econômico, acentuando a mostra de produtos da indústria que poderiam ter boa venda no mercado sul-americano, respectivamente brasileiro. Durante o ato aquisitório o Ministério do Comércio contatava várias empresas desde outono de 1921 até primavera de 1922, tentando também coordenar estas ações com a União central dos empresários tchecoslovacos e com as câmaras do comércio e do ofício. O maior interesse foi mostrado pelas empresas da área de vidreira, nomeadamente pelos produtores de vidro lapidado de cristal, porcelana, cerâmica, artigos de nácar, artigos de mercadoria de serragens ligeiras, aparelhos de fumar, instrumentos musicais, material electrotécnico, roupa masculina e feminina, malte, lúpulo, máquinas de agricultura e viaturas de motor.¹²

Além da organização da participação de empresas privadas se preparava uma exposição tchecoslovaca oficial, que foi situada no meio do pavilhão em frente do centro de informações. As partes principais destas exposições eram estatísticas que mostravam as capacidades da indústria na Tchecoslováquia e sua produção agrícola, informações sobre o folclore, termas etc. Tudo era dominado por um quadro de Praga e pelo busto de bronze do presidente T. G. Masaryk de um escultor ilustre tcheco, Jan Štursa.¹³ A realização desta parte oficial foi condicionada pelo convite oficial do governo brasileiro para a comemoração do centenário da independência do Brasil, e para a exposição mundial no Rio de Janeiro. Assim a Tchecoslováquia recebeu a posição mais exclusiva, sendo além disso o único país da Europa central a participar. A presença da Tchecoslováquia no Rio de Janeiro era a primeira atuação deste tipo do estado independente no foro internacional, não tendo em conta as feiras europeias.¹⁴ O governo tchecoslovaco também dedicou o alto montante de um milhão de coroas tchecoslovacas para assegurar a boa atuação na exposição.¹⁵ Este fato possibilitou realizar uma concepção altamente representativa da exposição. As pessoas informadas dos circuitos diplomáticos estimaram já no outono 1921 os custos reais da exposição para 2–2,5 milhões coroas.¹⁶ (O orçamento dos custos para este evento foi conseqüentemente – em março 1922 – elevado ao montante de 2,6 milhões Kč, que foi definitivamente corrigido pelo governo tchecoslovaco em abril 1922 para os finais 2 milhões Kč.¹⁷)

¹² NA Praha, MŠO, 1918–1938, n.º. inv. 1692 (kart. 2936), Ministério do Comércio ao conselho de ministros da República tchecoslovaca de 25/3/1922.

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ Ivo Barteček, op. cit., p. 248. Na exposição mundial no Rio de Janeiro 1922/1923 não participou nenhum estado de sucessão do Império Austro-húngaro, nem a Alemanha. Da América Latina participaram: o Brasil, Argentina e México. O convite oficial do governo brasileiro ver NA Praha, PMR, Exposição no Rio de Janeiro, 835/13 (kart. 3564), Ministério de Relações Exteriores ao Presídio do conselho dos ministros de 6/7/1921.

¹⁵ NA Praha, MŠO, 1918–1938, n.º. inv. 1692 (kart. 2936), 22 II Rio de Janeiro, Presídio do conselho dos ministros ao Ministério da Educação e Cultura Nacional de 2/7/1921.

¹⁶ NA Praha, PMR, Exposição no Rio de Janeiro, 835/13 (kart. 3564), Agência para o comércio exterior ao Presídio do conselho dos ministros de 13/10/1921.

¹⁷ *Ibidem*, Agência para o comércio exterior ao Presídio do conselho dos ministros de 25/3/1922, Presídio do conselho dos ministros n.º. de ref. 9247/1922 e 11 750/1922. A subida do orçamento em março 1922 parecia provavelmente exagerada às autoridades de Praga, e por isso o assunto foi abordado no início de abril de 1922 pela Autoridade suprema de controle da República tchecoslovaca. Para a questão do financiamento cf. a reunião do governo tchecoslovaco de 23/11/1922.

Durante a implementação da decisão do governo apareceram algumas falhas na organização, por exemplo entre os Ministérios de Comércio e dos Trabalhos Públicos. No centro praguense a tarefa coordenadora pertencia à Agência para o comércio exterior e depois da sua extinção foi transferida ao Ministério da Indústria, Comércio e Ofício, porque na Tchecoslováquia não existia nenhuma comissão de exposição permanente com uma retaguarda maior, como foram criadas nos outros países. A preparação da exposição apresentava traços de improvisação e de imposição dos interesses dos particulares. Durante o primeiro conselho dos ministros que teve lugar em Praga a 24 de janeiro de 1922 o representante do Ministério da Educação e da Cultura Nacional atacou o projeto do (compatriota?) arquiteto Josef Pytlík (Pitlík?), que foi contratado para a construção do pavilhão pela legação tchecoslovaca no Brasil. A principal objeção era o fato de que as soluções propostas não correspondam às ondas da arquitetura tcheca da época. O envio de um arquiteto de Praga que não se orientasse nas condições locais foi rejeitado, mas foi aconselhado a fazer algumas mudanças no projeto do pavilhão, segundo a proposta de algum arquiteto tcheco.¹⁸ O autor das mudanças no projeto de pavilhão foi o representante do modernismo tcheco na arquitetura Pavel Janák, na altura professor da Escola estatal de arte e indústria em Praga. A sua intervenção mostrou-se muito feliz e o pavilhão tcheco pertencia aos mais impressionantes. Era excepcional graças às suas linhas e decorações exóticas. O tecto era de vidro o que possibilitou a iluminação natural da exposição. O edifício mostrava traços de rondocubismo.¹⁹



Vista de pavilhão tchecoslovaco na exposição do Rio de Janeiro em 1922–1923 (Arquivo do Ministério de Relações Exteriores da República Tcheca)

¹⁸ Ibidem, Protocolo de 24/1/1922. Doravante foi acordado que os gráficos das entidades centrais da República tchecoslovaca e da produção econômica do país tivessem um aspeto uniforme, eventualmente realizados como um friso de imagem ao longo das paredes do pavilhão. Também as termas principais tchecoslovacas, i.e. Karlovy Vary, Mariánské Lázně, Piešťany, prepararam as coleções sobre as suas atividades e editaram um folheto informativo em espanhol e português.

¹⁹ *Ottův slovník naučný nové doby* (Enciclopédia de Otto da nova época), Tomo III, Vol. 1, Praha 1934, pp. 93–94; <http://www.brasilcult.pro.br/paises/cssr/cssr.htm>; http://www.expo2005.cz/cs/expo_cr/parts_1922.shtml.

A organização da feira estava ligada não apenas à atividade das entidades centrais – onde existia o perigo que, dado os prazos para transportes, algumas coleções das empresas não chegassem ao seu destino em tempo – mas também à atuação da legação no Rio de Janeiro. Esta tentava assegurar vantagens aduaneiras para os artigos exibidos, bem como a participação de representantes das elites locais na presidência honrosa do comitê de exposição tchecoslovaca.²⁰ Eram propostos políticos brasileiros como o ministro das finanças Homero Baptista ou o prefeito do distrito federal e presidente da comissão da exposição Carlos Sampaio, empresários, eventualmente dirigentes das empresas e empresários, por exemplo Buarque Nacedi, o diretor principal de Lloyd Brasileiro, e Alfonso Vizeu, presidente da Associação Comercial. Pela parte tchecoslovaca foi nomeado o importante biólogo – botânico e professor universitário Dr. Karel Domin, como curador que devia ser convidado pelo governo brasileiro por um período de seis meses.²¹ K. Domin, apesar da nomeação do Ministério de Relações Exteriores, afinal não partiu para o Brasil.²² (A Tchecoslováquia foi oficialmente representada nas comemorações do centenário da independência do Brasil por Vojtěch Mastný que na função do ministro-plenipotenciário conferiu a palestra solene.)²³ Para comissário da exposição tchecoslovaca e representante do Ministério do Comércio, responsável pela apresentação dos elementos escritos foi nomeado Ladislav Turnovský e como diretor de centro de informações foi designado František Smolka, cuja função deveria ser estabelecer as ligações com os interessados da parte brasileira.²⁴

O pavilhão tchecoslovaco foi inaugurado solenemente no Rio de Janeiro a 17 de outubro 1922 às 13.30 da hora local pelo presidente dos Estados Unidos do Brasil Epitácio Pessoa, na presença do prefeito do distrito federal, políticos brasileiros, altos representantes das entidades centrais, membros do corpo diplomático e representantes dos circuitos comerciais. As boas vindas da parte tchecoslovaca foram dadas pelo encarregado de negócios M. Schubert, depois falaram

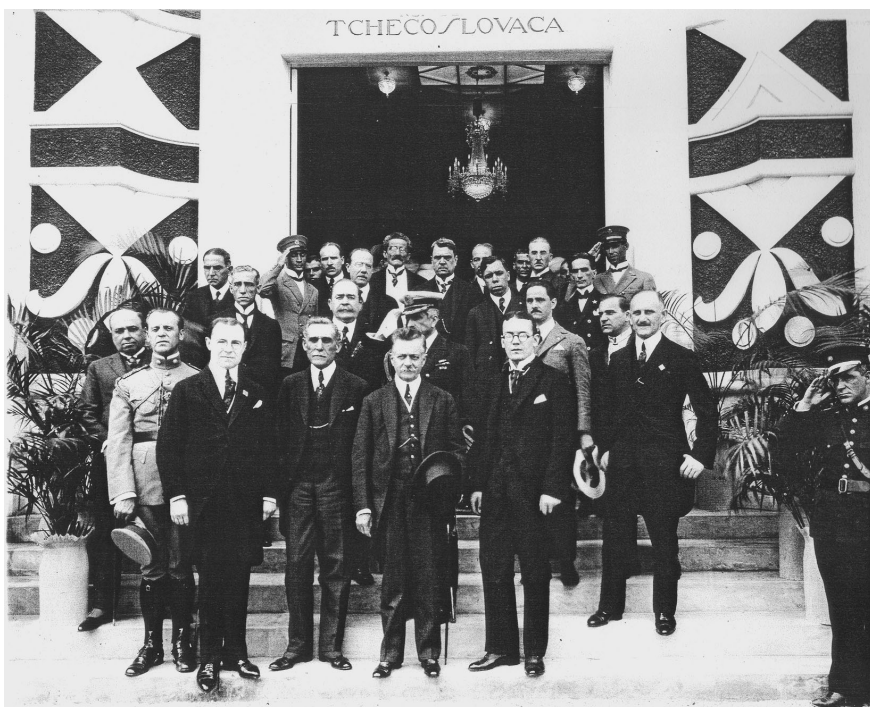
²⁰ NA Praha, MŠO, 1918–1938, n.º inv. 1692 (kart. 2936), 22 II Rio de Janeiro, Ministério de Educação e Cultura Nacional de 25/3 e 3/4/1922; Arquivo do Ministério de Relações Exteriores em Praga (doravante AMZV), fundo de Ministério de Relações Exteriores (doravante MZV), 1918–1938, IIIª seção (kart. 584), IVª seção (kart. 780), Legação no Rio de Janeiro ao Ministério de Relações Exteriores de 11/3/1922.

²¹ NA Praha, MŠO, 1918–1938, n.º inv. 1692 (kart. 2936), 22 II Rio de Janeiro, Ministério de Relações Exteriores ao Ministério da Educação e Cultura Nacional de 19/4/1922. A imposição de K. Domin podia ter a ver com os seus interesses científicos porque nos anos 1909–1910 fez uma expedição às áreas tropicais da Ásia e Austrália.

²² Arquivo do Museu Nacional, Praga (doravante ANM Praha), fundo Karel Domin (kart. 1), Os diários de calendário 1919–1937; (kart. 6), uma carta – legação do Rio de Janeiro ao Ministério de Relações Exteriores de 1/3/1922 – que aborda o interesse do Ministério da Agricultura brasileiro em três cientistas tchecos da área da botânica, fitopatologia e bioquímica, aos quais ofereceu contratos de dois anos. Cf. também *Karel Domin (1882–1953). Inventário de herança*. Elaborado por Ivana Bláhová, Emilie Pecharová, Praha 1969, p. 2.

²³ ANM Praha, fundo Vojtěch Mastný, n.º inv. 1454, 1456, 1457 (kart. 21). Ministro-plenipotenciário Jan Havlasa não esteve presente naquelas comemorações.

²⁴ NA Praha, PMR, Exposição de Rio de Janeiro, 835/13 (kart. 3564), Ministério do Comércio ao Presídio do conselho de ministros de 8/8/1922; AMZV, MZV, 1918–1938, IIIª seção (kart. 583), IVª seção (kart. 780), Legação no Rio de Janeiro ao Ministério de Relações Exteriores de 21/10/1922.



Inauguração do pavilhão tchecoslovaco com a presença do Presidente do Brasil, de convidados oficiais e do Embaixador da Tchecoslováquia Vojtěch Mastný (Esta e todas as fotos seguintes: Arquivo do Museu Nacional)

o comissário da exposição Turnovský, que proferiu a sua palestra em português, e o prefeito Sampaio. Seguiu-se a visita da exposição e é por destacar que o presidente brasileiro ficou mais entusiasmado pela porcelana e vidro de cristal. A inauguração acabou na «maneira clássica», com champagne e um brinde à «República tchecoslovaca e à intensificação das relações comerciais entre os dois países». ²⁵ No dia seguinte, a imprensa brasileira deu notícias sobre esta abertura solenne. A exposição tchecoslovaca foi a oitava a ser aberta. Dos expositores estrangeiros foi precedida pelos pavilhões de Noruega, Grã-Bretanha, Suécia, Japão, Bélgica, França e Dinamarca. ²⁶ É interessante a participação ativa dos países do norte da Europa.

²⁵ Ibidem, A 20 de outubro 1922 o pavilhão da exposição tchecoslovaca foi visitado pela esposa do presidente brasileiro. A notícia oficial da Československá tisková kancelář v Praze (Agência noticiosa tchecoslovaca em Praga) ver NA Praha, PMR, Exposição no Rio de Janeiro, 835/13 (kart. 3564), Presídio do conselho de ministros nº. ref. 30 873/1922; Jornal *České slovo* de 19/10/1922; *Lidové noviny* de 19/10/1922.

²⁶ AMZV, MZV, 1918–1938, IIIª seção (kart. 583), IVª seção (kart. 780), Legação no Rio de Janeiro ao Ministério de Relações Exteriores de 21/10/1922. Da imprensa tchecoslovaca referiram sobre a exposição por exemplo os periódicos *Národní listy* e *Světozor*.



Entrada no pavilhão tchecoslovaco

A exposição da República tchecoslovaca foi aberta com uma pompa e segundo os testemunhos era interessante e captante. Mas os visitantes do Rio de Janeiro e arredores não conseguiram ocultar o «fraco interesse comercial», i.e. a falta de interesse da parte dos comerciantes e empresários, nomeadamente do interior brasileiro e dos outros países sul-americanos. Mostrou-se que o pavilhão tchecoslovaco funcionava para os brasileiros mais como um lugar de diversão do que um local para estabelecer e aprofundar os laços comerciais.²⁷ Não ajudou o prolongamento da exposição até 2 de julho 1923. (A República tchecoslovaca terminou a sua presença nomeadamente por razões financeiras, os custos eram de 12 000 milreis por mês.²⁸) Ao avaliar a presença tchecoslovaca na exposição é preciso ser muito cauteloso. O resultado não foi mal quanto à representação do país. A nova república da Europa central se apresentou como um país consciente de si mesmo, com um potencial econômico razoável. O êxito do ponto de vista «moral» não teve os resultados adequados na área comercial. Dos ramos representados, tiveram maior sucesso os artigos de porcelana, cuja importação era restringida pelas altas taxas aduaneiras, vidro, nomeadamente artigos de luxo para a elite brasileira, e de outras áreas como instrumentos musicais, malte, lúpu-

²⁷ AMZV, MZV, 1918–1938, IIIª seção (kart. 583), IVª seção (kart. 780), Notícias de 15/9 e 28/11/1922.

²⁸ NA Praha, PMR, Exposição no Rio de Janeiro, 835/13 (kart. 3564), Presídio do Conselho de ministros, n.º. ref. 33 145/1922.



Amostra da porcelana tchecoslovaca na exposição do Rio de Janeiro em 1922–1923



Diploma comemorativo outorgado a Vojtěch Mastný em ocasião da exposição internacional

lo, tapetes artificiais, brinquedos e bijuteria. Completamente fora da consideração das possibilidades da importação ficou a indústria de máquinas. As razões do fracasso comercial da participação tchecoslovaca na exposição, não aceitando a opinião exagerada da oposição política brasileira de que a exposição em si era um fracasso total, consiste em vários fatores. Primeiramente se mostrou que o Rio de Janeiro não tinha uma boa retaguarda econômica. Outro fator que interveio foi a complicada situação política no Brasil, i.e. uma tentativa violenta de golpe de estado, e conseqüente estado de emergência e depressão econômica, que resultou na devalvação notável do valor da moeda brasileira,²⁹ (enquanto que a coroa tchecoslovaca subiu). Refira-se ainda a insuficiente propaganda dos artigos tchecoslovacos que teriam condições favoráveis para o cliente. Por isso a legação no Rio de Janeiro considerou o «critério econômico» como fator decisivo para as próximas ações de propaganda da Tchecoslováquia na América do Sul.³⁰

Depois do encerramento do pavilhão chegou a fase da sua liquidação: os artigos não vendidos foram mandados para Tchecoslováquia e se analisaram as possibilidades de como aproveitar o edifício de pavilhão construído a custo do governo da República tchecoslovaca. No primeiro caso era preciso encontrar uma solução para pagar as taxas aduaneiras, questão esta que ficou resolvida. Considerando o objeto: havia propostas de utilizá-lo para os fins de representação diplomática, ou doá-lo ao governo brasileiro. Os fatores seguintes eram contra a compra dos terrenos e adaptação do pavilhão para a missão tchecoslovaca no Brasil: custos elevados, caráter provisório e decorativo do edifício, e a lógica do espaço interior. Foi então decidida a doação do edifício, seguindo o exemplo da Grã-Bretanha e França, que doaram os seus pavilhões às instituições culturais brasileiras.³¹ O pavilhão tchecoslovaco foi doado pelo governo tchecoslovaco ao governo brasileiro, que logo o transferiu para a Academia das Ciências fundada

²⁹ Mas também a participação de alguns dos parceiros comerciais importantes do Brasil foi muito ambígua. Por exemplo E.U.A. e Argentina abriram os seus pavilhões só no início de 1923 e «o país materno» do Brasil, Portugal, nem sequer tinha terminado a construção do seu pavilhão até 1 de fevereiro 1923.

³⁰ A legação mostrou alguma indignação sobre o fato da Tchecoslováquia não ser oficialmente, nem não oficialmente, convidada a participar nas edições seguintes das feiras na capital brasileira. AMZV, MZV, 1918–1938, IIIª seção (kart. 583), IVª seção (kart. 780), O relatório da representação comercial da exposição do Rio de Janeiro 5/1/1923; Legação no Rio de Janeiro ao Ministério de Relações Exteriores de 1/2/1923. Uma análise mais otimista da participação da Tchecoslováquia na exposição, comparando com a da legação no Rio de Janeiro, foi lançada pelo vice-cônsul Rudolf Režný de consulado tchecoslovaco em Buenos Aires que escreveu sobre a exposição o seguinte: «A posição da Tchecoslováquia neste evento mundial é excepcional. É o único dos novos países recentemente formados e o único estado da Europa central que participou na feira. Este fato serve-nos como a melhor prova da sua consolidação e do grande nível econômico e é uma garantia do progresso no desenvolvimento independente das relações comerciais entre Tchecoslováquia e os países sul-americanos.» Na euforia apareceram também algumas palavras críticas, mencionando o pavilhão da Tchecoslováquia: «O pavilhão tchecoslovaco pode ser comparado às outras exposições e está notável pela sua exposição da porcelana e do vidro. É superior aos outros, não tendo em conta a cara cerâmica dinamarquesa. Analisando a dimensão de alguns dos outros ramos da nossa indústria estão pouco ou não estão representados.» Ibidem, Consulado em Buenos Aires ao Ministério de Relações Exteriores a 9/2/1923. Režný considerou o aspecto geral da exposição e não se dedicou à análise dos seus resultados comerciais.

³¹ AMZV, MZV, 1918–1938, IIIª seção (kart. 583), IVª seção (kart. 780), Legação no Rio de Janeiro ao Ministério de Relações Exteriores de 1/2/1923.

em 1916, e ao Rádio Sociedade no Rio de Janeiro, que funcionava sob a sua tutela e que difundia as atividades da Academia na sociedade.³²

Tirando os resultados comerciais bastante problemáticos da participação tchecoslovaca na exposição mundial do Rio de Janeiro de 1922–1923, pelo menos foi promovido o interesse pela Tchecoslováquia como um parceiro comercial do Brasil. Como prova nos serve a participação de mais de trinta empresas brasileiras nas Feiras de amostras de Praga que tiveram lugar de 29 de agosto a 5 de setembro 1926 e que pode ser comparada à participação tchecoslovaca na exposição do Rio de Janeiro nos anos 1922–1923, testemunhando o interesse deste país sul-americano em intensificar a troca de artigos.³³

Em setembro e outubro de 1926 no Rio de Janeiro teve lugar uma exposição da pintura tcheca organizada pela Sociedade Brasileiro-tchecoslovaca. A pintura tcheca deveria ser apresentada aos circuitos artísticos e culturais no Rio de Janeiro através das reproduções editadas na publicação «A arte de pintura tcheca e coleções escolhidas de arte gráfica tcheca».³⁴

Em novembro de 1926 foi organizada a primeira feira industrial de São Paulo. O relatório do ministro-plenipotenciário tchecoslovaco na altura no Rio de Janeiro Vlastimil Kybal ao Ministério de Relações Exteriores de 29 de novembro 1926 não menciona que alguma empresa tchecoslovaca participasse no evento, e destaca que a feira foi uma ação de empresas brasileiras e alemãs. Se baseia no periódico mais importante da língua alemã publicado em São Paulo *Deutsche Zeitung*, que põe em causa a efetividade e o significado das feiras brasileiras em si. As apreensões dos empresários locais eram causadas sobretudo pelo fato dos negócios serem realizados em público, assim revelando o seu mecanismo e inclusive a origem dos produtos. Segundo fontes «informadas» os empresários brasileiros vendiam os produtos da indústria nacional como importações, e na tentativa de manter esta fição pediam aos seus parceiros e fornecedores estrangeiros para não apresentarem os seus artigos nas feiras e exposições locais.³⁵

Depois do fracasso comercial no Rio de Janeiro nos anos 1922–1923 não registamos nenhuma presença significativa das empresas tchecoslovacas no território sul-americano. Em fins dos anos vinte de século 20 surgiu uma proposta do Eng. Eugen Kellner de estabelecer uma exposição permanente de artigos tcheco-

³² *Ibidem*, Legação no Rio de Janeiro ao Ministério de Relações Exteriores de 17/12 e 27/12/1923. Durante a liquidação da exposição tchecoslovaca e de pavilhão, no qual foi situada, foi descoberto que o arquiteto Pytlík (Pitlik) não pagou todas as dívidas relacionadas com a construção do pavilhão. O comissário Turnovský e a Embaixada de Tchecoslováquia no Rio de Janeiro recusaram assumir responsabilidade e garantias. Cf. <http://www.coc.fiocruz.br/observatoriohistoria/verbetes/acadbrci.pdf>; http://www.rst-ql.br/artigos/rst_roquetepinto.htm.

³³ Ivo Barteček, op. cit., p. 349. Nesta ocasião foi, pela iniciativa do ataché comercial brasileiro em Praga editada uma publicação informativa com o nome: *Brazilie: Její bohatství a produkce* (O Brasil: A sua riqueza e produção), Praha 1927.

³⁴ NA Praha, MŠO, 1918–1938, n.º inv. 1692 (kart. 2936), 22 II, Rio de Janeiro, Legação no Rio de Janeiro ao Ministério de Relações Exteriores e ao de Educação e Cultura Nacional de 23/6/1926; comunicação interna do Ministério de Educação e Cultura Nacional de 19/8/1926.

³⁵ AMZV, MZV, IVª seção (kart. 780), Legação no Rio de Janeiro ao Ministério de Relações Exteriores de 29/11/1926.

slovacos e um centro de informações no Rio de Janeiro. Na primeira apresentação do pedido a 9 de maio 1928, a legação comunicou às Feiras de amostras de Praga que este tipo de ação ajudaria com certeza a desenvolver as relações comerciais tchecoslovaco-brasileiras. Mas ao mesmo tempo alertou que os custos elevados não seriam (segundo as suas experiências) compensados na prática. Kellner não queria capitular e em novembro 1929 reintroduziu a sua proposta com algumas alterações. Apresentou um programa da «exposição permanente de artigos» no Rio de Janeiro que fosse patrocinada pela legação tchecoslovaca do mesmo modo como a fundação da sociedade tchecoslovaco-brasileira naquela cidade. A exposição deveria concentrar-se na apresentação dos artigos mais representativos da Tchecoslováquia que fossem propícios à exportação para o Brasil, à propaganda de turismo, nomeadamente das termas no centro da Europa, bem como às informações comerciais e culturais. Uma cavilha destas atividades seria uma agência que exercesse uma administração normal, mediasse os negócios, procurasse os representantes para as empresas tchecoslovacas etc.³⁶ A tentativa acima citada (aparentemente) nunca saiu da fase das considerações e sondagens. É bem provável que o medo das entidades estatais tenha sido causado pelos custos propostos, que excederiam 100 000 Kč por ano.

Outra época de apresentação dos artigos tchecoslovacos na América do Sul pode ser cronologicamente situada nos anos trinta do século vinte, e foi iniciada por um impulso do Ministério de Relações Exteriores brasileiro que informou as legações estrangeiras, incluindo a legação da República tchecoslovaca, sobre a organização da feira mundial no Rio de Janeiro de 12 até 15 de novembro 1934. A feira foi organizada pelo distrito federal da capital para comemorar o centenário da administração política do distrito federal do Rio de Janeiro. As inscrições seriam submetidas ao governador da cidade no período de 2 de janeiro a 12 de julho 1934. Os expositores podiam alugar no máximo 2 m² nos pavilhões ou 4 m² no espaço exterior e montar os estandes a seus custos. O aluguer oscilava entre 60–200 RS por 1 m² da área, consoante a sua extensão e posição. Por uma taxa podiam divulgar uma nota no catálogo da exposição. A legação tchecoslovaca recomendou a participação de empresas tchecoslovacas como «oportuna» e mandou uma lista de artigos que tinham uma boa chance de penetrar no mercado brasileiro. A hierarquia dos artigos era seguinte: celulosa, malte, arame e chapas de ferro e outros metais, os produtos químicos, peles finas e pneumáticos, também o fio de linho, lã e algodão, popelines e tricelines para as camisas de homem, tecidos de decoração e móveis, cristal, brinquedos, louça, ladrilho, máquinas de elaboração de metais, turbinas e equipamento eletrotécnico, máquinas de papeleria e bijutaria. O minis-

³⁶ *Ibidem*, Legação no Rio de Janeiro às Feiras de amostras em Praga de 12/6/1928; Legação no Rio de Janeiro ao Ministério de Relações Exteriores de 17/5/1930. Das outras iniciativas que foram rejeitadas mencionemos por exemplo uma reação negativa do Ministério da Indústria, Comércio e Ofícios e do de Trabalhos Públicos em Praga no verão 1929 à proposta do Ministério de Relações Exteriores de participar na Feira Internacional de Ferroviárias, Vias Terrestres e Turismo em Santiago de Chile. AMZV, MZV, 1918–1938, IIIª seção (kart. 591), Ministério dos Trabalhos Públicos ao Ministério de Relações Exteriores de 15/7/1929.

tro-plenipotenciário Dr. Josef Švagrovský advertiu que a apresentação dos artigos de seda e semi-seda, calçado e máquinas agrícolas não seriam recomendáveis para a exportação, por causa das altas taxas aduaneiras. Uma desvantagem da participação na feira do Rio de Janeiro era a crise econômica em andamento que, segundo a opinião dos diplomatas tchecoslovacos, limitava a participação das grandes empresas.³⁷

Este fato se confirmou, porque a crise junto com o fracasso de 1922–1923 desanimaram as empresas tchecoslovacas em participar na feira do Rio em 1934, e não foi representada nenhuma das empresas exportadoras. Mais da metade dos expositores foi constituída por empresas brasileiras – nomeadamente da área de madeira, ferro, química e de couro e agricultura, como os produtores de café e de frutas. Das empresas estrangeiras cabe destacar a presença das empresas dos E.U.A., Grã-Bretanha e Alemanha. A Câmara de Comércio Polaco-Brasileira montou o seu próprio stand. A feira internacional do Rio de Janeiro de 1934 também indicou as mudanças na concepção da apresentação de artigos e da feira em si. A extensão da parte puramente comercial foi reduzida, dando maior espaço a vários tipos de diversão e refresco dos visitantes. A maioria dos espaços era «ocupada» pelos restaurantes, áreas de desporto, produções musicais etc. No setor comercial a grande parte era dedicada à propaganda direta destinada também ao público mais vasto.³⁸ A feira do Rio de Janeiro em 1934 pode ser concebida – do ponto de vista cronológico e fatural – como ligada a todo um conjunto de eventos deste tipo na segunda metade dos anos trinta do século vinte que se iniciaram com o evento mais importante da propaganda da indústria tchecoslovaca na América do Sul entre-guerras, i.e. a participação na feira de Rio de Janeiro em 1935. Mais concretamente se tratou de 7ª edição da Feira de Amostras da cidade de Rio de Janeiro. A legação da República tchecoslovaca recebeu uma informação sobre este evento da parte da prefeitura do distrito federal só em fins de junho de 1935 – o que foi relativamente tarde, uma vez que a data da abertura do festival seria em outubro de 1935. As aplicações deviam ser entregues até 12 de setembro 1935. Podemos lembrar que o representante da prefeitura Ruy Castro entregou o convite da prefeitura pessoalmente à missão tchecoslovaca, repetiu o convite para as empresas tchecoslovacas oralmente e ofereceu algumas vantagens fora das condições normais – por exemplo no alugar pavilhões e espaços. Com base nesta informação o Ministério de Relações Exteriores enviou

³⁷ *Ibidem*, IVª seção (kart. 780), Legação no Rio de Janeiro ao Ministério de Relações Exteriores de 24/1/1934. A legação no Rio de Janeiro mandou o seu alerta também às instituições de caráter econômico, segundo o regulamento do Ministério de Relações Exteriores em Praga de 24/11/1933.

³⁸ AMZV, MZV, 1918–1938, IVª seção (kart. 780), Legação no Rio de Janeiro ao Ministério de Relações Exteriores em Praga a 29/8/1934. Cabe mencionar a preparada exposição de imprensa que era organizada para janeiro 1934 a Montevideú. O foco desta feira eram: a propagação nos jornais, nos cartazes, fotografias e da propaganda impressa nas áreas da cultura e de estado. Afinal, a feira não foi realizada, embora a legação da Tchecoslováquia em Buenos Aires e o consulado em Montevideú já tenham preparado o material sobre a situação na Tchecoslováquia. AMZV, MZV, 1918–1938, IIIª seção (kart. 603), Legação de Buenos Aires ao Ministério de Relações Exteriores de 15/10 e 6/11/1934 e 28/1/1935.

a 18 de julho 1935 a informação sobre o evento ao Ministério da Indústria, Comércio e ao Instituto Tchecoslovaco de Exportações, às Feiras de Amostras de Praga, à União dos Empresários Tchecoslovacos e ao Central das Câmaras do Comércio e de Ofício.³⁹

O Instituto Tchecoslovaco de Exportações, fundado por decisão do governo a 4 de julho, foi a nova autoridade que entrou com veemência na fase da preparação da participação tchecoslovaca na feira. (A 19 de outubro 1934 foram publicados os regulamentos desta instituição e em dezembro 1934 os textos das duas decisões do governo ainda seriam modificados.) O instituto começou a funcionar formalmente a 1 de janeiro 1935, mas na prática apenas em março de 1935. Inspirou-se no modelo de instituições parecidas no estrangeiro, respeitando as condições específicas da Tchecoslováquia. A tarefa do Instituto de Exportações era: coleccionar, ampliar e arquivar os relatórios econômicos sobre os países estrangeiros, estudar os mercados estrangeiros e analisar a situação, as condições e possibilidades da evolução do comércio exterior tchecoslovaco nos vários países. Outra tarefa era recolher dados sobre as taxas aduaneiras, diversos regulamentos de importação e exportação e outros códigos que tinham a ver com a troca internacional de bens e de pagamento internacional. Além disso, administrava uma base de dados com os contratos sobre a ajuda legal e regulamentos legais, tratando da relação entre o vendedor e cliente. Monitorava as possibilidades individuais dos vários ramos e empresas, intervinha na ação de requisição de créditos no estrangeiro, colaborava no envio dos representantes comerciais para o estrangeiro, desenvolvia o turismo e o seu uso econômico e cooperava na educação da nova geração dos comerciantes tchecoslovacos no estrangeiro. A parte substancial da sua atividade foi coordenar e colaborar na participação tchecoslovaca nas feiras e exposições no estrangeiro.⁴⁰

O Instituto Tchecoslovaco de Exportações aproveitou esta ocasião e dentro de uma semana se dirigiu às várias câmaras de comércio e ofício e aos ministérios econômicos na República tchecoslovaca com a informação sobre a feira que estava sendo preparada no Rio de Janeiro em 1935. Segundo o instituto era recomendável que a Tchecoslováquia participasse na feira com a sua própria exposição, justificando que se tratava da única feira do género na América do Sul. Por estas razões seria possível contar com o interesse dos comerciantes dos outros países do subcontinente, nomeadamente da Argentina e Uruguai. O Instituto de Exportações também sublinhou que era capaz de organizar e coordenar a participação tchecoslovaca na feira do Rio de Janeiro.⁴¹

³⁹ NA Praha, fundo do Ministério da Indústria, Comércio e Ofícios (doravante MPOŽ), Suplemento II, *Brazílie (Brasil) 1935–1938*, Rio de Janeiro, Legação no Rio de Janeiro ao Ministério de Relações Exteriores de 2/7/1935; Ministério de Relações Exteriores ao Ministério da Indústria, Comércio e Ofícios de 18/7/1935.

⁴⁰ *Exportní ústav československý 1934–1946. Inventář* (Instituto Tchecoslovaco de Exportações 1934–1946. Inventário). Elaborado por vários autores – coordenador Ivan Štoviček, Praha 1970, Introdução, pp. 1–9.

⁴¹ NA Praha, fundo Instituto Tchecoslovaco de Exportações (doravante EÚ), n.º. inv. 1365 (kart. 321); n.º. inv. 1381 (kart. 328); n.º. inv. 1314 (kart. 340); n.º. inv. 1426 (kart. 343); n.º. inv. 1448 (kart. 346). Em agosto 1935 o Instituto de Exportações ainda ampliou a lista, por exemplo com o Ministério das Ferrovias. NA Praha, EÚ, n.º. inv. 1389 (kart. 329).

A resposta ao apelo do Instituto de Exportações por parte das entidades centrais era bastante cautelosa. Os ministérios econômicos fizeram notar a falta de tempo para preparação de tal evento e pesquisavam quais empresas gostariam de participar no evento, e em que dimensão, com mostras de artigos ou somente com o envio de catálogos e preçários. Não foi objetado nada contra a participação das empresas que decidiram fazê-lo, mas os responsáveis alertaram contra o otimismo exagerado.⁴² Além das entidades e instituições econômicas, o Instituto de Exportações contactou já a 19 de julho 1935 a legação da Tchecoslováquia no Rio de Janeiro, com o pedido de envio das condições e informações mais detalhadas sobre a exposição. Por exemplo, diplomatas informaram que não era necessário fazer o registro individual, sendo suficiente um coletivo feito pelo Instituto de Exportações. O envio de artigos tinha que ter uma marcação do destino bem clara: que estão destinados à feira, o endereço do destinatário, e eventualmente do depositário do Instituto de Exportações no Brasil Mirko Taussig. No caso da venda das coleções exibidas, seria preciso pagar as taxas aduaneiras. Os materiais de propaganda das termas podiam ser fornecidos pela legação. Mas a legação não dispunha de dados e pesquisas recentes sobre o desenvolvimento da indústria e agricultura tchecoslovacas. A direção da feira estava na disposição de oferecer à exposição das empresas da Tchecoslováquia uma área num pavilhão grande especial, que era destinado às exposições nacionais, por um aluguel reduzido. Segundo a opinião da legação os artigos recomendáveis a serem exibidos na feira eram: o vidro, porcelana, brinquedos, artigos de arte industrial, eventualmente máquinas e equipamentos. O ministro-plenipotenciário J. Švagrovský elogiou a atitude do Instituto de Exportações mas também mostrou o receio que o tempo destinado à preparação da exposição fosse muito limitado e os custos não compensassem os resultados. Também lembrou a má experiência da atuação tchecoslovaca na exposição de 1922–1923.⁴³

A legação tchecoslovaca no Brasil não concordou com a proposta do Instituto de Exportações que recomendou que os diplomatas entrassem em contato com os representantes das empresas da Tchecoslováquia e na América do Sul que depois propusessem a participação na feira às suas «empresas maternas». Parte dos representantes, segundo a legação, assim o fez; nos outros casos a missão devia enfrentar as tensões e animosidade habituais entre os comerciantes. A legação achou mais oportuno (e também mais cómodo para os diplomatas) se o próprio Instituto de Exportações fizesse o trabalho de escolha dos exportadores para o Brasil e América do Sul na República Tchecoslovaca e os informou sobre as condições da participação na exposição coletiva,⁴⁴ e assim aconteceu. O Instituto de Exportações ten-

⁴² Ibidem, n.º. inv. 1365 (kart. 321); n.º. inv. 1389 (kart. 329); n.º. inv. 381 (kart. 329); n.º. inv. 1426 (kart. 348); n.º. inv. 1461 (kart. 348). NA Praha, MPOŽ, Suplemento II, Brazílie (Brasil) 1935–1938, Rio de Janeiro, Instituto de Exportações de 25/7/1935; Ministério de Agricultura ao Ministério do Comércio 13/8/1935.

⁴³ Ibidem, n.º. inv. 123 (kart. 106), Legação no Rio de Janeiro ao Instituto de Exportações de 8/8/1935.

⁴⁴ AMZV, MZV, 1918–1938, IVª seção (kart. 780), Legação no Rio de Janeiro ao Instituto de Exportações de 21/8/1935. Por exemplo sete empresas tchecoslovacas fabricantes de vidro, dois exportadores de porcelana e oito de bijuteria tinham os seus próprios representantes no Rio de Janeiro.

tu, em coordenação com a missão diplomática tchecoslovaca, assegurar artigos na imprensa brasileira, sessões de cinema tchecoslovaco, e conferências sobre os produtos da Tchecoslováquia no rádio. Mas Josef Švagrovský expôs as dificuldades ligadas à realização desta tarefa, tendo em conta o conteúdo habitual da imprensa carioca e o fato de que uma palestra no rádio deve ser paga. Mas os diplomatas concordaram em distribuir os folhetos informativos e outro material impresso.⁴⁵

A realização da exposição tchecoslovaca na feira no Rio de Janeiro que teve lugar no outono de 1935 estava nas mãos do Instituto Tchecoslovaco de Exportações em Praga. Até a metade de setembro 1935 setenta empresas se inscreveram neste evento, e a superfície planeada da exposição atingiu os 350 m². O Instituto de Exportações preparou um número especial da revista *El Mercurio Checoslovaco* em versão portuguesa para a feira, publicou um panfleto informativo sobre as exportações tchecoslovacas e um folheto sobre os laços comerciais entre Tchecoslováquia e o Brasil, cujo núcleo era a lista de artigos tchecoslovacos destinados à exportação. O Ministério de Relações Exteriores completou a série de materiais, os traduziu para o português para a publicação oficial sobre a Tchecoslováquia que já tinha sido publicada nas línguas francesa, alemã, inglesa e espanhola, e foi concebida como informação primária sobre a Tchecoslováquia destinada ao estrangeiro.⁴⁶

O Conselho do Instituto de Exportações também teve em conta que era preciso fortalecer o quadro de pessoal e enviou ao Brasil um depositário que assegurasse a realização da exposição no local. Por isso, o encarregado da América do Sul Eng. Eugen Kellner partiu para o Rio de Janeiro. Ele conhecia as condições brasileiras pela sua atuação anterior naquele país, e além da organização da participação na feira recebeu a tarefa de detalhadamente analisar a situação atual no mercado brasileiro. Kellner saiu para o Brasil de Trieste e embarcou no navio *Oceania* a 19 de setembro 1935. Chegou ao Rio de Janeiro a 3 de outubro de 1935, só nove dias antes da abertura oficial da feira. É óbvio que este tempo não chegava para a preparação e instalação da exposição e por isso a tarefa coordenadora coube ao responsável local do Instituto de Exportações Mirko Taussig. Através da legação no Rio de Janeiro Taussig recebeu 15 000 Kč como o montante básico para pagar as despesas, sendo-lhe prometido um crédito. O Instituto de Exportações abriu ao Eng. Kellner um acreditativo junto a *Živnostenská banka* em Praga depositado no banco *National City of New York*, expositura do Rio de Janeiro no valor de 47 170 Kč para financiar a exposição, i.e. pagar o aluguer no valor de 26 000 Kč, comprar as mostras de artigos concorrentes etc.⁴⁷ Esta dua-

⁴⁵ NA Praha, EÚ, n.º. inv. 123 (kart. 106), Legação no Rio de Janeiro ao Instituto de Exportações de 24/8/1935. Cf. também n.º. inv. 1189 (kart. 329), Ministério de Ferrovias ao Instituto de Exportações de 6/9/1935.

⁴⁶ NA Praha, MPOŽ, Suplemento II, *Brazílie (Brasil) 1935–1938*, Rio de Janeiro; EÚ, n.º. inv. 1365 (kart. 321), Instituto de Exportações ao Ministério do Comércio de 14/9/1935.

⁴⁷ NA Praha, EÚ, n.º. inv. 1032 (kart. 209), Instituto de Exportações a E. Kellner de 17/9/1935. E. Kellner recebeu no Rio de Janeiro subsídios no valor de 220 Kč por dia e para as negociações em São Paulo 250 Kč por dia. Depois da sua chegada ao Brasil também devia utilizar o resto da quantia de 15 000 Kč que foi depositada a M. Taussig para a preparação da exposição.

lidade pessoal foi ainda «enriquecida» em Praga pelo encarregado da América do Sul na Câmara do Comércio e de Oficinas, Eng. M. Hučík, o que trazia em si desde início um grau de risco elevado.

Em relação à partida de Eng. E. Kellner para o Rio de Janeiro o Instituto de Exportações pediu à legação e ao consulado em São Paulo que alertasse os representantes das empresas tchecoslovacas ou interessados em tal atividade para o fato de ser preciso entrar em contato pessoal com a Administração da exposição tchecoslovaca no Rio de Janeiro, ou seja com E. Kellner, e tratar com ele todos os assuntos relacionados à ligação comercial entre a República tchecoslovaca e o Brasil.⁴⁸ O último pedido nos prova a falta de experiência dos representantes de Instituto de Exportações em Praga. Era quase impossível que um representante comercial experiente informasse na totalidade sobre os seus contatos. Tratava-se, sem dúvida, de informações muito delicadas que poderiam ajudar os seus concorrentes.

Depois da sua chegada ao Rio de Janeiro a 3 de outubro 1935 o Eng. Eugen Kellner assumiu a sua função de coordenador da realização da exposição tchecoslovaca na feira. Teve de enfrentar vários problemas. O primeiro era de caráter administrativo pois parte das caixas que trazia com ele tinham uma direção errada, nas outras o conteúdo não correspondia à declaração aduaneira etc. As autoridades brasileiras entregaram as caixas só depois das intervenções de 11 de outubro de 1935, um dia antes da abertura oficial do evento.⁴⁹

Outras dificuldades eram de caráter comunicativo. Dada a dificuldade de serviço de correios na época não foi possível que um projeto de exposição fosse trabalhado em Praga e depois enviado para o Brasil, mas teve que se aproveitar os serviços do arquiteto local Reichenbach. O fato mais grave era que o acreditativo ainda não estava à disposição e a realização da exposição foi prejudicada. (Finalmente se conseguiram resolver os problemas com o acreditativo.) A administração da feira também mostrou a sua grande disponibilidade e atribuiu à exposição tchecoslovaca a asa do pavilhão, situada junto à entrada da feira por onde tiveram que passar todos os visitantes.⁵⁰

A 16 de outubro de 1935 se conseguiram superar todos os problemas com a preparação da exposição tchecoslovaca no Rio de Janeiro e a exposição foi oficialmente aberta pelo discurso do ministro-plenipotenciário Josef Švagrovský, na presença do representante do governo do distrito federal do Rio de Janeiro, dos ministérios brasileiros, autoridades legislativas, sindicatos, diplomatas e mem-

⁴⁸ NA Praha, EÚ, n.º inv. 123 (kart. 106), Instituto de Exportações à legação no Rio de Janeiro a 17/9/1935; Legação no Rio de Janeiro ao Instituto de Exportações a 16/9/1935; n.º inv. 312 (kart. 152), Instituto de Exportações ao consulado em São Paulo a 24/9/1935; n.º inv. 1461 (kart. 348), Câmara de Comércio e de Oficinas em Praga ao Instituto de Exportações 11/9/1935.

⁴⁹ AMZV, MZV, 1918–1938, IVª seção (kart. 780), Legação no Rio de Janeiro ao Ministério de Relações Exteriores 23/10/1935.

⁵⁰ NA Praha, EÚ, n.º inv. 1018 (kart. 229), E. Kellner ao Instituto de Exportações de 5/10/1935, n.º inv. 1032 (kart. 229), Telegrama de E. Kellner ao Instituto de Exportações de 7/10/1935. Os organizadores tchecoslovacos receberam além de 260 m² pagos outros 420 m² gratuitamente. Também se conseguiu publicar notícias curtas sobre a exposição tchecoslovaca na imprensa brasileira.

bros da Sociedade tchecoslovaco-brasileira. A ostentosa inauguração não podia esconder o fato de que o tempo dedicado às preparações tinha sido insuficiente, e que uma parte das empresas que tinham boas condições para penetrar no mercado brasileiro não estava representada. A legação frisou em primeiro lugar o objetivo de propagação da exposição, e a atenção que foi despertada pela exposição do vidro. Igualmente elogiou o estande da empresa Škoda, Praha–Plzeň e da fábrica Mannesman, Chomutov. Os visitantes apreciaram as grandes fotografias de Praga, das montanhas de Tatra e os cartazes das termas tchecoslovacas. Cabe assinalar que a República tchecoslovaca era praticamente o único país a ser apresentado com uma grande exposição nacional coletiva. Outros países representados eram: a Hungria com uma exposição de 10 m² com vinhos e bordados e Portugal, cuja relação com o Brasil logicamente era acima do standard, com um pequeno pavilhão de vinhos, objetos de prata e calçados. Outras empresas estrangeiras tinham as suas apresentações na parte geral da feira. Tirando as empresas brasileiras, mencionemos a presença de uma série de empresas inglesas, norte-americanas e alemãs.⁵¹

A legação tchecoslovaca no Rio de Janeiro mencionou no seu relatório para o Ministério da Indústria, Comércio e Ofício em Praga, ainda antes do fim da feira, que a exposição da Tchecoslováquia tinha sido bem recebida pelo público brasileiro e «fez muito bom trabalho», mas tinha uma postura bem céptica aos sucessos econômicos de várias empresas. Dr. Švagrovský recomendou ao ministério que enviasse um circular às empresas participantes com o pedido de envio de informações se conseguiram receber algumas encomendas, ou pelo menos estabelecer contatos com importadores brasileiros, eventualmente com os representantes de empresas e se consideravam os resultados adequados aos custos. É lógico que deste sucesso, ou eventual fracasso, dependia também o interesse de determinada empresa em participar nas próximas edições deste tipo de feiras.⁵²

Depois do fim da feira no Rio de Janeiro em 1935 teve de ser resolvida a questão dos diplomas para as empresas participantes, seguida pelas queixas à atividade do Eng. Kellner. Os delegados no Brasil afirmaram que ele não mostrava boa vontade de comunicar com eles, e prometia a representação das empresas tchecoslovacas de exportação só aos que lhe oferecessem parte das comissões. Uma parte das queixas podia ter sido provocada pelo fato de Kellner ter a intenção de ficar no Brasil, abrir uma empresa e assim se tornar num concorrente. Porém, o Instituto de Exportações de Praga sabia também que o Eng. E. Kellner mostrou algum fervor, embora mais por sua própria conta do que por desenvolvimento da exportação tchecoslovaca.⁵³

⁵¹ AMZV, MZV, 1918–1938, IV^a seção (kart. 780), Legação no Rio de Janeiro ao Ministério de Relações Exteriores de 23/10/1935.

⁵² NA Praha, MPOŽ, Suplemento II, Brazilie (Brasil) 1935–1938, Legação no Rio de Janeiro ao Ministério da Indústria, Comércio e Ofícios de 30/10/1935.

⁵³ NA Praha, EÚ, n.º. inv. 1038 (kart. 229), Legação no Rio de Janeiro ao Instituto de Exportações de 28/12/1935.

As conseqüências da feira do outono de 1935 se fizeram sentir também nos primeiros meses do ano de 1936 até ao verão. A missão diplomática tchecoslovaca se tornou um opositor ativo de E. Kellner. Por exemplo, ainda em janeiro de 1936 reiterava que ainda não tinham sido pagas as taxas aduaneiras, e que a administração brasileira aduaneira reclamava o pagamento das dívidas. Outro conflito consistia na concepção de vendas duma parte dos artigos da exposição. As condições destas transações ficaram pouco claras, mesmo a maneira como Kellner escolheu os representantes das empresas tchecoslovacas para a feira. Outro ato suspeito esteve ligado com o alegado desperdício de meios financeiros, por exemplo o funcionamento do escritório, recepções ou envio de circulares. Os custos muito elevados se registaram também na edição do número especial «brasileiro» (outubro) da revista *O Mercurio Tchecoslovaco*. Os restantes 2.000 exemplares foram passados por Kellner à legação. Esta depois os enviava às autoridades brasileiras, bancos, organizações na indústria, meios de comunicação social, e ofereceu-as também aos consulados da Tchecoslováquia em São Paulo e Curitiba.⁵⁴

No fim da sua estada no Rio de Janeiro E. Kellner organizou ainda uma sessão de cinema sobre as termas tchecoslovacas, natureza e empresas industriais mais importantes no cinema Palacio Pathé. Os convites foram enviados aos ministérios brasileiros, bancos, entidades econômicas, imprensa e algumas legações. O evento teve um número de visitantes razoável. O problema foi que o representante do Instituto de Exportações não a tivesse organizado durante a feira, mas quase dois meses depois do seu fim, ainda por cima na época de verão, com temperaturas de 40 graus Celsius à sombra.⁵⁵

Não o ajudou a atividade mais intensa. Em fins de janeiro 1936 o Conselho do Instituto de Exportações perdeu a paciência. Foi enviado à legação no Rio de Janeiro (que fez o seu trabalho ao demitir Kellner), um telegrama curto pedindo o regresso imediato de Kellner às custas do Instituto de Exportações. A 1 de fevereiro 1936, a legação convocou Eng. Kellner e lhe entregou o telegrama. Kellner respondeu que não podia sair do país imediatamente por que tinha de tratar de «vários assuntos» e pagar as dívidas no valor total de 11 000 milreis. Diplomatas propuseram ao Instituto de Exportações que enviasse o montante, por que a saída súbita sem pagar as dívidas poderia danificar a imagem do país e prejudicar a «coisa tchecoslovaca» no Brasil.⁵⁶

⁵⁴ Ibidem, n.º. inv. 124 (kart. 106), Legação no Rio de Janeiro ao Instituto de Exportações de 10/1/1936; Instituto de Exportações à legação no Rio de Janeiro de 17/1/1936; n.º. inv. 1038 (kart. 229), Legação no Rio de Janeiro ao Ministério de Relações Exteriores de 21/1/1936 e ao Instituto de Exportações a 22/1/1936. Além de revistas Kellner entregou à legação também as fotografias com motivos da natureza, termas e selos tchecoslovacos. AMZV, MZV, 1918–1938, IIIª seção (kart. 323), Legação no Rio de Janeiro ao Ministério de Relações Exteriores de 21/1/1936.

⁵⁵ NA Praha, EÚ, n.º. inv. 1038 (kart. 229), Legação no Rio de Janeiro ao Ministério de Relações Exteriores a 24/1/1936.

⁵⁶ Ibidem, Legação no Rio de Janeiro ao Instituto de Exportações de 1/2/1936. O Instituto de Exportações prometeu a 18/2/1936 ao Ministério de Relações Exteriores que iria investigar cuidadosamente as queixas da legação no Rio de Janeiro contra Kellner.

Outro ponto nevrálgico (já mencionado) foi a emissão dos diplomas e as medalhas aos participantes tchecoslovacos na feira do Rio, que eram oferecidos pelo Instituto Técnico Comercial e Industrial do Brasil de São Paulo. Mas o consulado tchecoslovaco em São Paulo não conseguiu encontrar esta instituição e pôs em dúvida se esta existiria. Isto não mostra uma imagem positiva da atividade de E. Kellner.⁵⁷ As atividades da instituição acima citada foram investigadas pela polícia de São Paulo no verão de 1936.

As conseqüências da estada de Eng. Kellner no Brasil foram liquidadas finalmente em fevereiro de 1936 pela legação tchecoslovaca. Depois da partida de Kellner a 19/2/1936 a bordo do navio Neptunia a Trieste, o conselheiro da missão V. Nosek calculou as dívidas pelo bilhete de navio, pelo bilhete ferroviário de Trieste a Praga, pela conta de casa de Rio de Janeiro, as dívidas na casa de penhores, à empresa Banho e Cia e ao certo Júlio Kulik em 13 390 milreis no total. O resto do montante foi pago das fontes privadas do próprio conselheiro Nosek que pediu que o Instituto de Exportações depositasse este montante na sua conta do Zemská banka em Praga.

A partida de Eugen Kellner teve um entreato diplomático, já que o seu visto expirou e foi preciso fazer uma intervenção junto à polícia brasileira para não lhe criar problemas. Ele também confessou que faturou dos particulares locais os abonos para os artigos que prometeu entregar depois da feira. Mas as suas notas sobre estes abonos não eram completas. A legação foi contactada pela senhora Monteiro que dizia que tinha depositado um montante de 75 milreis por uma bolsa decorativa e não a recebeu. Eng. Kellner opôs-se dizendo que não tinha nenhum registro sobre este fato. As falhas no envio dos relatórios regulares durante a feira que deviam informar detalhadamente as empresas participantes, explicou da seguinte maneira: desapareceram numa catástrofe de avião que transportava os originais dos relatórios. As cópias ficaram por ser enviadas por uma outra linha, mas o avião também desapareceu. Prometeu pois trazer pessoalmente outras cópias. Kellner se sentiu muito deprimido pela maneira como foi demitido, e criticou o Conselho do Instituto de Exportações por ter dado ordem à legação para ser tratado como «um criminoso e malandro». Declarou que era capaz de documentar todos os bens e dinheiro no valor de cerca 300 000 Kč, e afirmava que pela sua demissão não foi prejudicada apenas a sua imagem, mas também a do Instituto de Exportações como a sua organização materna. Dizia que atrás das críticas estariam «balelas odientas do estrangeiro», pensando somente «no seu próprio lucro». Também afirmou que voltava «a Praga tão pobre como a tinha deixado, até mais pobre, e que a sua única intenção era livrar-se de todas as acusações que não faziam nenhum sentido e purificar o seu nome, danificado pelos «elementos sórdidos, rancorosos e sem responsabilidade».⁵⁸ Eng. E. Kellner se defendia com grande

⁵⁷ Ibidem, n.º. inv. 313 (kart. 152), Consulado em São Paulo à legação tchecoslovaca no Rio de Janeiro a 10/2/1936.

⁵⁸ Ibidem, n.º. inv. 1038 (kart. 229), E. Kellner ao Instituto de Exportações de 20/2/1936.

veemência, mas não é muito provável que todos os seus críticos tentassem prejudicá-lo. Os resultados reais do seu trabalho não pareciam excelentes.

No decorrer da primeira metade de fevereiro de 1936 o Ministério da Indústria, Comércio e Ofícios recebia as respostas ao inquérito que distribuía por recomendação da missão diplomática tchecoslovaca no Rio de Janeiro às empresas que participaram na feira. Pediu um parecer sobre se a participação tinha ajudado a adquirir algumas encomendas concretas e contatos comerciais, e se consideraram os resultados adquiridos como adequados aos custos. A maioria das empresas respondeu que não, com um tom um pouco azedado. A participação foi considerada como bem sucedida somente pelas seguintes empresas: Irmãos Sigmundos, fabricantes de bombas de Olomouc; Janyška e comp., S.A. fabricação de chapéus, Krásno nad Březnem; J. Blažek, vidro de cristal de Nový Bor perto de Česká Lípa; B. Zahradník, fábrica de carimbos, máquinas de escritório e impressoras em Praga, e Sociedade Anônima, antes Fábricas de Škoda em Praga–Pilsen. Outros empresários, por exemplo Hilda Weigner, fábrica de bonecos em Rakovník, ou a União dos cultivadores de plantas de Přeřov, mostraram alguma esperança em que a América do Sul se pudesse tornar um bom mercado, apesar de não terem feito negócios imediatos.⁵⁹

Na base do inquérito foi elaborada uma comunicação interna para o ministro e direção do Ministério da Indústria, Comércio e Ofícios. O texto desta comunicação interna avaliou a presença tchecoslovaca na feira no Rio de Janeiro em outubro e novembro de 1935 como completamente negativa – do ponto de vista técnico e também pessoal, dado que o representante do Instituto de Exportações E. Kellner foi caracterizado como incompetente, ingênuo e utilitário. O montante de 200 000 Kč destinado ao pagamento dos custos foi considerado exagerado. Também foi mencionado o curto espaço de tempo para a preparação da exposição, junto com a recomendação da legação tchecoslovaca no Rio de Janeiro para que o Ministério da Indústria, Comércio e Ofícios no futuro evitasse este tipo de eventos.⁶⁰ Os funcionários responsáveis do ministério mostraram assim um grau elevado de austeridade e na avaliação concentraram-se nos efeitos imediatos da feira. Não tiveram em conta que as exposições e feiras servem mais à propagação dos artigos a longo prazo e ao estabelecimento e aprofundamento de contatos. Não se pode esperar um milagre e o fecho dos grandes contratos. Um dos fatores também pode ser uma certa rivalidade ou até ciúmes do ministério em relação ao recentemente estabelecido Instituto de Exportações, tendo em conta também o fato de que este evento trouxe um trabalho a mais para os funcionários do ministério e pessoal da legação no Rio de Janeiro.

⁵⁹ NA Praha, MPOŽ, Suplemento II, *Brazílie (Brasil) 1935–1938*, respostas ao Ministério da Indústria, Comércio e Ofícios a perguntas sobre os resultados da feira no Rio de Janeiro 1935. A grande distância e a falta de experiência de alguns dos exportadores também provocou que parte dos artigos foi enviada para Buenos Aires, donde voltou para Trieste e foi novamente expedida para o Rio de Janeiro. No fim chegou atrasada e não podia ser exibida. Este foi o caso da empresa Václav Dušek, refinarias e exportação de vidro, Nový Bor perto de Česká Lípa.

⁶⁰ NA Praha, MPOŽ, Suplemento II, *Brazílie (Brasil) 1935–1938*, comunicação interna do Ministério da Indústria, Comércio e Ofícios de 6/3/1936.

A presença tchecoslovaca na feira do Rio foi avaliada de uma maneira um pouco mais racional pelo Instituto de Exportações em Praga – que teve um papel central neste evento. (A feira começou a 16 de outubro e acabou a 1 de dezembro 1935, estava aberta todos os dias das 14.00 até às 24.00 horas.) A Exposição (segundo o texto referido) gozou de uma atenção geral do público e o seu significado para Tchecoslováquia assentava na propagação e na promessa de perspectivas na construção de redes comerciais e empresariais. Do ponto de vista estatístico: foram dadas informações a 1.347 pessoas do Rio de Janeiro, e foram expedidas 721 cartas, 4 telegramas e 870 impressos, atividade bastante intensa num prazo tão curto. As informações detalhadas para as empresas foram redigidas muito tarde – só na metade de fevereiro de 1936, e só foram distribuídas em março de 1936, «alegradamente» por razões técnicas, ou seja um mês depois das respostas das empresas ao inquérito do ministério da indústria, comércio e ofício. A balança dos resultados comerciais não parecia tão má como foi abordado pelo Ministério da Indústria em Praga. As empresas de vidro, máquinas, têxteis, carimbos, bijuteria, chapéus e calçado registaram um sucesso no decorrer da feira e encerraram mais de sessenta encomendas no valor total de 355 000 Kč. Foram vendidas também algumas amostras de artigos, no valor de 23 000 Kč.⁶¹ De 81 empresas que participaram, 56 se tornaram potenciais exportadores, empresas que já anteriormente tinham um representante comercial no Brasil, ou o tinham adquirido. Os delegados receberam depois da feira coleções de amostras de artigos no valor total de 160 000 Kč.

As atividades de propaganda e informação incorporadas na feira eram significativas. As empresas de importação do Rio de Janeiro receberam mais de 400 cartas em português chamando a atenção sobre a exposição, sobre as possibilidades da compra na exposição e o estabelecimento de contato. A 30 de novembro 1935 E. Kellner organizou um almoço para os representantes das autoridades, empresários e imprensa. Na mesma noite teve lugar uma competição de motocicletas na qual a marca JAWA recebeu o primeiro e o sexto lugar. Nos dias 3 e 10 de dezembro 1935 foi proferida no rádio local uma palestra sobre a Tchecoslováquia e as suas empresas. Além da sessão de cinema já mencionada de 24 de janeiro 1936 os visitantes da feira podiam ver os filmes de propaganda das empresas Baťa, J. Schicht, as papelarias Olšanské papírny, etc. Sairam oitenta artigos e notícias curtas sobre a exposição na imprensa brasileira.⁶²

Em comparação com os dados do Ministério da Indústria, Comércio e Ofícios os custos eram inferiores em um terço. O orçamento final foi calculado em 134 456 Kč 85 hal. O Instituto de Exportações pagou um montante de 82 970 Kč 85 hal para

⁶¹ Ibidem, Relatório do Instituto de Exportações de 30/6/1936 sobre a participação tchecoslovaca na feira do Rio de Janeiro em 1935; AMZV, MZV, 1918–1938, IVª seção (kart. 780). No relatório foi sublinhado o interesse da polícia do Rio de Janeiro e São Paulo em comprar as motocicletas com careta de marca JAWA. A encomenda deveria ser de cem motocicletas no valor de 1 milhão Kč. Além disso a polícia do Rio mostrou o interesse em comprar nove carros blindados no valor de 5,4 milhões Kč.

⁶² Ibidem.

a organização da feira do Rio de Janeiro, descontando os contributos das empresas. Também E. Kellner, cujas despesas pessoais atingiram os 52 561 Kč, incluindo o viático, transporte de bagagem e subsídios para o período de 16 de setembro 1935 até 7 de março 1936, foi parcialmente reabilitado. Foi dito que os recibos apresentados por Kellner tinham sido investigados e comparados com um livro de recibos da feira. Não foram encontradas falhas significativas, e se foram, não foi do interesse do Instituto de Exportações abri-las.⁶³

O resultado da participação tchecoslovaca na feira do Rio de Janeiro em 1935 foi considerado como «bastante bom» pelo Instituto de Exportações. No relatório foi indicado que o resultado real pode ser avaliado só com uma distância temporal maior, depois de se conhecer o benefício que foi trazido pelos representantes comerciais e pela venda dos artigos. O Instituto de Exportações não escondia as falhas que surgiram durante a feira. Uma delas era a escolha das empresas tchecoslovacas que produziam artigos não muito comuns no Brasil – como os textéis feitos de crina, as bolsas de junio etc., ou então fabricavam lâmpadas de metal, tabuleiros de metal, tecidos interiores de almofadas e colchas de plumas, artigos que se fabricavam no Brasil em quantidade e qualidade suficiente, e a preços acessíveis. Outro problema foram as coleções insuficientes que as empresas puseram à disposição – como foi o exemplo dos conjuntos de facas ou no caso de tipos baratos de roupa de trico. O cálculo dos preços também não foi ideal – por vezes as empresas tiveram um preço demasiado alto. Também foi criticado o nível linguístico do material informativo, o comportamento não comercial⁶⁴, etc. Foi também criticada a presença de empresas concorrentes, já que na feira participaram quatro empresas com uma oferta semelhante de artigos de líber. No ramo vidreiro, geralmente muito bem sucedido, foram criticadas as coleções muito fracas e a falta de inovação nas ofertas.⁶⁵

As várias autoridades estatais, i.e. Ministério da Indústria, Comércio e Oficinas, Ministério de Relações Exteriores e a legação no Rio de Janeiro avaliaram a exposição na feira em 1935 de maneira extremamente negativa. A atuação das entidades era demasiado ampla e a sua influência bastante grande. As empresas não se aperceberam que para penetrar nos novos mercados era preciso trabalhar sistematicamente e esperar os resultados a longo prazo, e o mercado da América do Sul não é uma exceção. (O outro fator que era muito comum – também por causa dos impostos – era a queixa perante as autoridades centrais sobre os pro-

⁶³ Ibidem.

⁶⁴ Ibidem. Por exemplo um dos empresários oferecia cogumelos secos a um preço de 38 Kč /1 kg cif Rio de Janeiro, mas recusou a encomenda a um preço aumentado de 40 Kč /1 kg pedindo 52 Kč /1 kg cif Rio.

⁶⁵ NA Praha, MPOŽ, Suplemento II, Relatório do Instituto de Exportações de 30/6/1936 sobre a participação tchecoslovaca na feira do Rio de Janeiro em 1935; AMZV, MZV, 1918–1938, IVª seção (kart. 780), ditto. Os dados de E. Kellner, que se tornaram na sua maioria a base do relatório final, foram comentados também pela Legação do Rio de Janeiro. As antipatias entre Kellner e os membros de missão diplomática são muito visíveis do texto, mas a conclusão é diplomática, já que por exemplo os resultados da atividade de «senhor Kellner, eventualmente do projeto da exposição tchecoslovaca em si na feira» é difícil avaliar objetivamente, porque a legação não tem à disposição dados suficientes e se trata de uma atividade do Instituto de Exportações em Praga. AMZV, MZV, 1918–1938, IVª seção (kart. 780), Legação no Rio de Janeiro ao Instituto de Exportações de 30/4/1936.

blemas e perdas financeiras.) Quando chegou o convite das autoridades brasileiras para a participação na feira de 1936, a legação no Rio de Janeiro alertou que a importância deste tipo de eventos não se pode comparar com a importância dos eventos europeus. Os estands das empresas que participaram deviam ter tido apenas o objetivo de fazer «conhecer os produtos». Também as experiências da exposição de 1935 não eram, segundo os diplomatas, muito animadoras. A missão recomendou por isso a participação só das empresas tchecoslovacas que já tinham tido alguma experiência com o mercado brasileiro e tinham os seus representantes comerciais à disposição no país.⁶⁶

Contra a possibilidade de participação tchecoslovaca na feira do Rio de Janeiro 1936 surgiu uma quase «anti-campanha», que se mostrou eficiente. Por exemplo, o departamento de política comercial da União central de empresários tchecoslovacos comunicou a 10 de junho 1936 ao Ministério de Relações Exteriores em Praga que quanto à possibilidade de participar «estamos bastante reservados, mesmo em relação às empresas pertencentes à nossa união. As empresas que participaram em 1935 estavam, na sua maioria, decepcionadas pelo interesse muito baixo do público e fraca organização da exposição tchecoslovaca. Supomos que o número de interessados em participar na edição deste ano seja muito baixo.»⁶⁷

Foi impossível organizar uma exposição tchecoslovaca independente em 1936 e a atitude céptica de Praga influenciou sem dúvida também as iniciativas das empresas exportadoras. Na feira do Rio em 1936 participou somente a empresa Baťa que apresentava através do seu representante Thurmann-Nielsen os pneus e galochas. O Instituto de Exportações não queria deixar-se desanimar e desgostar, e no dia 12 de outubro 1936 pediu à legação no Brasil um relatório deste evento. A missão diplomática comunicou que a feira teve lugar de 1 outubro até 15 novembro 1936, participaram 365 expositores e foi visitada por 514 754 visitantes. É um número muito mais baixo comparando com as edições anteriores. Nas exposições coletivas participaram da Europa, além de Portugal, a Alemanha e a Suécia. Os diplomatas mostraram oficialmente o receio de que as Fábricas de Škoda ou Manesman estivessem ausentes na feira, eventualmente as empresas da área vidreira e de porcelana, e fizeram notar que com a maior presença de empresas se poderia conseguir um espaço gratuito para a apresentação das termas. No fim do relatório não se esqueceram de reiterar a atitude muito reservada e a opinião que é aconselhável que participassem somente as empresas que tenham «já os seus representantes» no Brasil.⁶⁸

⁶⁶ NA Praha, MPOŽ, *Brazílie (Brasil) 1935–1938, Legação no Rio de Janeiro ao Ministério de Relações Exteriores* 15/5/1936; *Legação no Rio de Janeiro ao Ministério da Indústria, Instituto de Exportações, União central de empresários e Feira de amostras de Praga* de 9/6/1936.

⁶⁷ *Ibidem*, *A União central de empresários ao Ministério de Relações Exteriores* de 10/7/1936. A União central de empresários enviou o seu parecer também ao Ministério da Indústria, Comércio e Ofícios com uma nota referindo que este parecer estará provavelmente «de acordo com o parecer oficial do Exmo. Ministério». *Ibidem*, *União central de empresários ao Ministério da Indústria, Comércio e Ofícios* de 10/7/1936.

⁶⁸ AMZV, MZV, 1918–1938, IVª seção (kart. 780), *Legação no Rio de Janeiro ao Instituto de Exportações* de 16/11/1936; NA Praha, EÚ, n.º inv. 124 (kart. 106), *Legação no Rio de Janeiro ao Instituto de Exportações* de 23/12/1936.

O Instituto de Exportações porém não desistiu. Do texto acima referido escolheu uma frase sublinhando que é preciso «lamentar que na última feira tinha participado apenas única empresa tchecoslovaca». Informou a legação que se iria decidir mais tarde sobre uma possível participação coletiva, e que segundo a sua opinião valeria a pena exibir os artigos não somente das empresas já representadas no Brasil, mas também das empresas cuja produção podesse ter êxito no mercado brasileiro. Participar na tal feira poderia significar o início da exportação destes artigos.⁶⁹ A perseverância do Instituto de Exportações surpreendeu a missão diplomática que repetiu a sua opinião sobre a baixa utilidade das feiras do Rio de Janeiro e sobre a participação dos exportadores tchecoslovacos, e pediu que lhe fossem comunicados os nomes das empresas que conseguiram adquirir vendas permanentes no mercado brasileiro.⁷⁰ É bem possível que esta atividade possa ter sido motivada pela perspectiva de obtenção de lucro pessoal – por exemplo a possibilidade de oferecer os contatos comerciais em troca de uma participação nas comissões. A atitude relativamente relaxada dos diplomatas, que podiam receber ter «um trabalho a mais», foi aparentemente uma das causas da abertura duma agência do Instituto de Exportações no Brasil, o que infelizmente aconteceu só no ano de 1938, em São Paulo.⁷¹

A legação «tinha medo» de ter trabalho a mais em vão, porque a situação do ano de 1935 não voltou a acontecer e o Instituto de Exportações não ousou reabrir a ideia de uma exposição coletiva até ao fim do período por nós estudado. Nos anos de 1937 e 1938, as empresas tchecoslovas foram convidadas a participar na feira do Rio de Janeiro, mas no primeiro ano só a empresa Baťa exibiu os pneus e a empresa Kotva produtos de vidro e no ano seguinte três empresas (Mühlig-Union, Fischmann e filhos e Vidraria, S.A.) apresentaram vidro para as construções. A legação frisou que nos dois casos havia uma pouca participação dos expositores e o baixo interesse dos visitantes, para os quais a feira de diversão era a maior atração, e não se interessavam muito pelos pavilhões de exposições. Mas dificilmente podia negar que nestes anos Tchecoslováquia se atrasou, comparando com a participação da França e Alemanha, mas também da Suíça ou Polónia.⁷²

⁶⁹ NA Praha, EÚ, n.º. inv. 124 (kart. 106), Instituto de Exportações à legação no Rio de Janeiro de 29/12/1936.

⁷⁰ Ibidem, Legação no Rio de Janeiro ao Instituto de Exportações de 19/1/1937. O Instituto de Exportações interessou-se também pelos resultados das exposições da Alemanha e Suécia que participaram na feira em outubro de 1936 e é lógico que recebeu uma resposta muito céptica da legação.

⁷¹ Cf. E. Hučík, «Výsledky Exportního ústavu československého po dvou letech činnosti v Latinské Americe» (Resultados do Instituto de Exportações tchecoslovaco depois de dois anos da atividade na América Latina), in: *Světový obchod II* (Comércio mundial), n.º. 50 de 18/12/1936.

⁷² NA Praha, EÚ, n.º. inv. 124 (kart. 106), Legação no Rio de Janeiro ao Ministério de Relações Exteriores de 31/3/1937; MPOŽ, *Brazílie (Brasil) 1935–1938*, Ministério de Relações Exteriores ao Ministério da Indústria, Comércio e Ofícios de 18/1 e 28/12/1938; AMZV, *MZV, 1918–1938*, IV^a seção (kart. 780, Legação no Rio de Janeiro ao Ministério de Relações Exteriores de 19/12/1937 e 5/11/1938. No Brasil Heinz Nathan tinha muita iniciativa e no início de 1938 apresentou à legação um projeto de construção de um pavilhão permanente nas feiras de outono no Rio de Janeiro. É interessante que neste caso a legação e o Ministério de Relações Exteriores tenham tentado envolver o Instituto de Exportações no projeto, com uma veemência surpreendente. AMZV, *MZV, 1918–1938*, IV^a seção, *Brazílie (Brasil) 1935–1938*, Legação no Rio de Janeiro ao Ministério de Relações Exteriores de 16/2/1938.

O Instituto de Exportações praguense se interessou por outras possibilidades de apresentação dos artigos tchecoslovacos no Brasil – o que testemunha uma pergunta feita ao consulado em São Paulo em outubro de 1936, se e quando foi organizada uma feira naquela cidade, e em caso positivo, pedindo o envio do relatório e catálogo da exposição.⁷³

As legações em Buenos Aires e Caracas mostraram um maior interesse em propagar as possibilidades de exportação e estabelecer laços comerciais do que a legação no Rio de Janeiro. Alguma agitação foi provocada pelo relatório da legação na Argentina, que abordava a questão da feira internacional de artigos em Asunción, Paraguai. A legação tchecoslovaca recomendou a organização de uma exposição coletiva, apoiada também pelo fato do Instituto de Exportações ter o seu enviado Václav Jílek em Asunción que representava várias empresas exportadoras. A vantagem era que a 1ª edição da feira, denominada Primeira feira internacional de máquinas, ferramentas e vários produtos para a indústria e para a criação de gado no Paraguai, teve lugar na ocasião dos cinquenta anos do *Banco Agrícola del Paraguay*, que se encarregou do financiamento e ofereceu as condições fora do normal. (Era um banco estatal e por isso tinha outras possibilidades comparado com um empresário individual, ou uma cidade.) Todos os artigos destinados à feira eram livres de taxas aduaneiras, o banco ofereceu os estands gratuitamente aos expositores e noutros casos pelo preço de custo. Também ofereceu que recebesse a consignação de todos os artigos que fossem enviados para a feira e a entrada para os visitantes era gratuita. O interesse das autoridades tchecoslovacas como o Ministério da Indústria, Comércio e Ofícios; da Agricultura e das Finanças, União central dos empresários tchecoslovacos, Central das câmaras comerciais e de ofício era zero. Podemos afirmar o mesmo no caso das empresas exportadoras, com a exceção da empresa Irmãos Sigmund de Lutín (Morávia central), produtores de bombas e máquinas extrativas que pediu ao seu representante em Asunción para exibir os seus produtos. (O fato do Ministério de Relações Exteriores não transmitir a informação sobre a feira em Asunción em primeiro lugar ao Instituto de Exportações tchecoslovaco é chocante.)⁷⁴

No verão de 1938 a legação tchecoslovaca em Caracas deu uma notícia sobre a primeira feira nacional que deveria ter lugar naquela cidade sob o patrocínio do governo entre dezembro de 1938 e janeiro de 1939. Devia tornar-se uma mostra

⁷³ NA Praha, EÚ, n.º. inv. 313 (kart. 152), O Instituto de Exportações ao consulado em São Paulo de 12/10/1936.

É interessante que o Brasil tinha uma atitude mais iniciativa de que Tchecoslováquia. A 18/8/1937 abriu em Praga um centro de informações e propaganda. Este foi estabelecido pelo Ministério de Trabalho, Comércio e Indústria brasileiro. O seu objetivo era divulgar informações sobre os produtos brasileiros e estabelecer contatos diretos. *Světový obchod* (Comércio mundial), ano III, n.º. 33 de 20/8/1937.

⁷⁴ NA Praha, MPOŽ, Suplemento II, Brazilie (Brasil) 1935–1938, Ministério de Relações Exteriores ao Ministério da Indústria, Comércio e Ofícios de 14/6 e 10/8/1937; Legação em Buenos Aires ao Ministério de Relações Exteriores de 17/6/1937; Central das câmaras comerciais e de ofícios ao Ministério da Indústria, Comércio e Ofícios de 7/9/1937 e o Ministério da Indústria, Comércio e Ofícios ao Ministério de Relações Exteriores de 29/10/1937.

das possibilidades econômicas da Venezuela e prova do seu desenvolvimento econômico nos últimos anos. Dada a situação política na qual a Tchecoslováquia enfrentava a ameaça nazista alemã as entidades econômicas de Praga praticamente não reagiram.⁷⁵

No fim da segunda metade do século 20 a Tchecoslováquia teve uma boa atuação nas duas exposições de índole cultural. A primeira foi a feira de livros em Bogotá em 1938 e a segunda a exposição de arte gráfica tcheca em São Paulo nos anos 1938–1939. Mais importante era a participação da República tchecoslovaca nas comemorações da fundação da capital da Colômbia. O governo colombiano pediu aos vários estados que enviassem a Bogotá coleções de livros que representassem a vida histórica, artística e científica do seu país, e que doassem estas coleções depois da exposição à Biblioteca Nacional de Bogotá. Esta proposta foi ampliada pelo convite para que um representante da cultura ou arte apresentasse uma palestra sobre a cultura da sua nação. O governo colombiano estava preparado para oferecer boas condições: espaço nos meios de comunicação social e custos de alojamento no país. O Ministério de Relações Exteriores da República tchecoslovaca, em colaboração com o Ministério de Educação e de Cultura Nacional em Praga, reagiu positivamente à proposta. Encomendou uma coleção de livros segundo a escolha da Biblioteca nacional universitária em Praga na livraria Orbis no valor total de 10 000 Kč, que foi ainda enriquecida pelas suas fontes próprias e a mandou para Bogotá, onde foi exibida a partir de 6 de agosto 1938.

Do ponto de vista de conteúdo a Tchecoslováquia foi representada sobretudo por publicações em língua inglesa e francesa, cujos autores eram políticos e diplomatas importantes como Tomáš G. Masaryk, Edvard Beneš, Kamil Krofta ou Štefan Osuský. Das obras literárias estavam representadas sobretudo as de Karel Čapek e depois Alois Jirásek, Ivan Olbracht, dos cientistas František Dvorník, Jan Kapras ou Karel Stloukal. A obra clássica de Božena Němcová *Babička* (*A Avó*) estava disponível em espanhol – na versão que foi publicada em 1924 em Barcelona. Também estavam presentes publicações sobre a agricultura, indústria e comércio tchecoslovacos e livros de imagens.⁷⁶

As comemorações dos quatrocentos anos de Bogotá, originalmente concebidos como espectaculares, eram reduzidas. A exposição de livros teve lugar de 20 de julho até 31 de agosto de 1938, e foi acompanhada por exposições artísticas menores, palestras, congresso de historiadores de «Gran Colombia», e pelo festival de música ibero-americana. Depois do fim do evento os diplomatas tchecoslovacos doaram a coleção a Biblioteca nacional colombiana, cujo diretor Tomas Rued Vargas agradeceu (como era o hábito de cortesia) pela «prenda muito valiosa de livros muito interessantes e quadros bonitos e bem elaborados.»⁷⁷

⁷⁵ NA Praha, MPOŽ, Suplemento II, *Brazílie (Brasil) 1935–1938*, Legação em Caracas ao Ministério de Relações Exteriores de 2/8/1938.

⁷⁶ NA Praha, MŠO, 1918–1938, n.º inv. 1628 (kart. 2915), 22 II Bogotá, n.º ref. 42 035/1937, 76 156/1938.

⁷⁷ *Ibidem*, Legação em Bogotá ao Ministério de Relações Exteriores de 17/1/1939.

Podemos ainda mencionar uma exposição de arte gráfica tchecoslovaca que teve lugar no outono de 1938 em São Paulo, que mostrou 139 obras gráficas de 31 artistas, a maior parte deles membros da Associação dos artistas gráficos Hollar de Praga. A exposição foi acompanhada pelo catálogo com uma introdução oficial sobre este tipo de arte e a sua posição na Tchecoslováquia, e o texto de uma palestra sobre a arte tchecoslovaca, que foi proferida em francês pelos diplomatas da legação.⁷⁸

* * *

Na sua primeira fase, a divulgação da Tchecoslováquia na América do Sul através de exposições e feiras tinha a ver com a apresentação do novo estado e das suas possibilidades de exportação. Não era importante só chamar a atenção para a existência do novo estado no centro de Europa, sobre qual existiam idéias muito vagas no distante Cone do Sul, mas também estabelecer contatos empresariais diretos que evitassem a mediação das empresas exportadoras alemãs, austríacas, francesas etc., e possibilitassem a exportação de artigos claramente declarados como produtos da República tchecoslovaca. Uma das primeiras possibilidades de participar numa feira das mais importantes da América do Sul foi a exposição coletiva na feira do Rio de Janeiro nos anos 1922–1923, organizada para comemorar o centenário da independência do Brasil. Esta ocasião foi aproveitada pela Agência do comércio exterior – que foi mais tarde incorporada no Ministério da Indústria, Comércio e Ofícios – como um órgão central de caráter econômico. As instituições mencionadas sob o patrocínio do governo tchecoslovaco prepararam a exposição nacional cujo objetivo era o de informar o público brasileiro e sul-americano sobre a República tchecoslovaca, seus produtos e potencial de produção e exportação. Duvidoso é que a exposição tenha cumprido a sua tarefa informativa e educativa. Mas ao mesmo tempo mostrou as dificuldades ligadas à penetração em novos mercados. Se alguém esperava uma expansão comercial radical foi decepcionado e os custos da apresentação pareciam inadequados aos resultados adquiridos. Por isso observamos apenas uma participação esporádica de algumas empresas nas exposições e um baixo interesse dos diplomatas. A exceção foi o historiador e diplomata entre-guerras Vlastimil Kybal.⁷⁹

A intensificação do interesse de participar nas feiras sul-americanas teve a ver com a fundação do Instituto de Exportações em Praga, cujo objetivo era apoiar a exportação dos produtos da economia tchecoslovaca. O Instituto de Exportações aproveitou intensamente a ocasião, e tentava manifestar a importância da expansão econômica para o estrangeiro. A sua atividade poderia até ser conside-

⁷⁸ AMZV, MZV, 1918–1938, IIIª seção (kart. 587), Associação Hollar ao Ministério de Relações Exteriores de 28/7/1938 e 30/1/1939.

⁷⁹ Cf. Anketa jihoamerická konaná dne 3. října 1927 v síni Obchodní a živnostenské komory v Praze. Program I. Nedostatek přímých styků – 7. Účast na veletrzích (Inquérito sul-americano de 3 de outubro 1927 na sala de Câmara de Comércio e de Ofícios em Praga. Programa I. A falta dos contatos diretos – 7. Participação nas férias), in: Vlastimil Kybal, op. cit., p. 121.

rada como frenética. Logicamente os seus representantes tiveram que enfrentar os funcionários das autoridades centrais em Praga, bem como os diplomatas, que viviam num ambiente bastante calmo na legação do Rio de Janeiro. As tensões que surgiram, e o fato de que na feira de 1935 não foram obtidos resultados imediatos e efetivos na área das relações comerciais, resultaram numa «contra-propaganda» em relação a eventos deste género decorrentes na América do Sul. O Instituto de Exportações não desistiu da sua intenção, o que é evidente pelo crescente número de artigos sobre o espaço econômico ibero-americano no seu periódico *Světový obchod* (Comércio mundial), e na preparação da abertura de uma agência em São Paulo. (Além das feiras, a Tchecoslováquia participava nalgumas exposições de carácter cultural.) Em geral, verificamos que a tendência foi desde a organização de eventos nobres, às vezes exagerados, até uma construção zelosa e eficaz nas suas conseqüências, nas redes de contatos que punham à disposição dos representantes do Instituto de Exportações e das empresas um resumo das capacidades de absorção dos mercados sul-americanos, e das possibilidades de fazer prevalecer os seus produtos nestes mercados.

(Tradução: Matyáš Pelant)